

O corpo humano nos currículos: investigando produções acadêmicas no Ensino de Biologia

Maya Eliz Sousa Lima¹

Marcia Serra Ferreira²

Resumo: O trabalho investiga como o corpo humano vêm sendo produzido nos currículos, em especial naqueles relacionados ao ensino de Ciências e Biologia. Ele é parte de uma investigação de mestrado desenvolvida no *Grupo de Estudos em História do Currículo* da UFRJ, com recursos da Capes, CNPq e CNE/Faperj. Buscando o descritor 'corpo*' no título dos textos, analisa seis produções acadêmicas apresentadas no VII ENEBIO (2018) – quatro relatos de experiência docente e dois relatos de pesquisa –, observando seus objetivos e referenciais teóricos, assim como o tema e questões a ele relacionadas aparecem nos mesmos. Na análise, percebe-se que o ensino da temática muitas vezes opera em uma lógica reflexiva que não questiona o 'sistema de pensamento' que nos constrói na sociedade. A compreensão desse sistema nos possibilita 'transpassar' as névoas, enxergando as brechas que, ao produzirem deslocamentos e subversões, possibilitam pensar o corpo humano nos currículos de outros modos possíveis.

Palavras chave: currículo, corpo humano, discurso, enebio.

1 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ), mattbioufc2015@gmail.com.

2 Doutora pelo PPGE/UFRJ, Professora da Faculdade de Educação e do PPGE/UFRJ, pesquisadora 2 do CNPQ e Cientista do Estado do Rio de Janeiro (CNE/Faperj). marciaserraferreira@gmail.com.

Contextualizando a temática

Esse texto tem como objetivo analisar como o corpo humano vêm sendo produzido nos currículos escolares, em especial naqueles relacionados ao ensino de Ciências e Biologia. Ele é parte de uma investigação de mestrado sobre o tema, desenvolvida com recursos da Capes no *Grupo de Estudos em História do Currículo* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em articulação com projeto de pesquisa³ apoiado pelo CNPq e o CNE/Faperj. Para realizar essa tarefa, analisamos produções acadêmicas apresentadas no VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO), realizado em Belém do Pará em 2018 e publicadas nos anais do evento.

Tomamos como referência que, de modo geral, o debate sobre o corpo humano na escola se concentra em poucos componentes curriculares – tais como as Ciências, a Biologia e a Educação Física –, em especial se o associamos às questões de gênero e sexualidade. Nesse cenário, cabe perguntar: Como o corpo humano veio sendo percebido, historicamente, como um assunto quase que exclusivamente das Ciências Biológicas? Por que o debate sobre o tema não se expandiu e se ‘naturalizou’ no cotidiano escolar? Talvez a imprevisibilidade a ele associada nos ajude a refletir sobre essas questões, uma vez que, no cotidiano escolar, o corpo humano é um assunto que provoca grande interesse, tornando o currículo inicialmente previsto passível de inúmeros questionamentos. No diálogo com Mattos *et al.* (2017, p. 194), assumimos que entre a “dupla face da monótona repetição institucional e da complexa imprevisibilidade dos acontecimentos”, é essa última que mais nos desloca no cotidiano escolar. Afinal, tem sido historicamente importante manter a ‘ordem’ e a ‘normalidade’ da escola, produzindo uma cultura escolar que tem acontecimentos estáveis como esperados (BRITZMAN, 2001). Tornar o corpo humano um tema ‘natural’ perturbaria a ‘norma’, pois, como nos aponta Britzman (2001, p. 95), “a normalidade é muito facilmente perturbada se for deixada livre”.

Mas os corpos circulam pelos (e são produzidos nos) diversos espaços sociais, incluindo os escolares, não sendo ‘natural’ e ‘lógico’ que o seu ensino esteja restrito a certos componentes curriculares. Tomamos como referência estudos históricos no campo do Currículo (ver, por exemplo, FERREIRA, 2013 e 2015; FERREIRA & MARSICO, 2020; POPKEWITZ, 2001,

3 Estamos nos referindo ao projeto ‘História do Currículo e das Disciplinas: desenvolvimento e uso de uma abordagem discursiva para investigações no ensino e na formação de professores’

2014 e 2015) para o questionamento dessa 'naturalidade', assumindo que é justamente em meio às experiências que assujeitam os nossos corpos que nos constituímos e produzimos conhecimentos. bell hooks (2001, p. 115) nos auxilia a compreender essa questão ao enunciar que temos ido à escola "como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo", uma vez que "[o] mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido". Tal movimento pode ser mais bem entendido se percebermos o quanto, na história de constituição do Brasil, tivemos a Igreja Católica fortemente associada ao Estado, tendo se tornado instituições separadas apenas no final do século XIX (GIUMBEL, 2008). Mesmo com a República, essa instituição permaneceu disputando os sentidos da sociedade e, ao manter uma intensa relação com o Estado, pôde conduzir debates acerca da família e da educação (GIUMBELL, 2008). Em uma "nova forma do poder pastoral" (FOUCAULT, 2013, p. 281), o Estado passa a assumir o governo dos sujeitos, com a Igreja se movimentando de modo a participar das disputas morais em torno da formulação e gestão das políticas públicas. É nesse contexto que o corpo humano vai sendo governado pelo Estado brasileiro; é nele, também, que essa temática vai se constituindo como parte de alguns currículos e não de outros.

Assim, ainda que desde a década de 1970 tenha se intensificado um interesse por incluir a discussão sobre sexualidade nos currículos escolares (BRASIL, 2001), tal interesse veio sendo acompanhado da construção de espaços possíveis para falar, pensar e aprender sobre o corpo humano e temáticas afins. Isso significa compreender que, ainda que estejamos transformando o modo como percebermos o corpo humano socialmente, há um entendimento moral que o coloca como um artefato problemático da sociedade. Ou seja, ao tentar restringir o debate sobre o corpo humano a certos espaços sociais – família, religião ou escola –, ainda que esses se transformem ao longo do tempo, estamos constantemente produzindo regras e padrões que normalizam e formatam o que sabemos e podemos dizer sobre os corpos nesses espaços. Porém,

"[...] os corpos não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se votar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória" (BUTLER, 2001, p. 154).

no diálogo com Butler (2001), então, que analisamos as produções acadêmicas veiculadas na última edição do evento mais importante da área – o VII ENEBIO –, buscando perceber as “instabilidades” e “rearticulações” que têm sido produzidas no ensino de Ciências e Biologia em meio às normas sob as quais produzimos e legitimamos significados de (e sobre

corpo humano. Como já explicitado, assumimos que habitamos um espaço social ‘complicado’, no âmbito do qual alguns corpos são valorizados, enquanto outros são silenciados e invisibilizados, de modo a alcançar e manter os indivíduos desejados. Trata-se de um movimento necessário para que a escola cumpra com sua missão, por meio da prática docente, de “potencializar a utilidade de um sistema” (POPKEWITZ, 2015, p. 438).

O que tem a formação e a prática docente com isso?

Assim como os(as) estudantes, professoras(es) também têm seus corpos não vistos e silenciados; afinal, somos parte dessa sociedade e também passamos grande parte de nossas vidas imersas(os) no sistema escolar. Ou seja, desde a infância viemos sendo ‘fabricados’ (POPKEWITZ, 2001) como sujeitos que vão à escola para aprender a operar mais com nossas mentes e menos com os nossos corpos, o efeito de uma formação “no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental”, como bem nos apontou bell hooks (2001).

Nesse contexto, a prática docente é centrada na tentativa de estabelecer uma sociedade mais igualitária, onde as variantes possam existir quando forem produtivas (POPKEWITZ, 2015). No entanto, essa investida em uma sociedade mais igualitária “apaga a diferença, mas, simultaneamente, estabelece divisões” (POPKEWITZ, 2015, p. 90), uma vez que, mesmo que todos sejam escolarizados e tenham habilidades comuns aprendidas para a tomada de decisões e/ou a resolução de problemas, “há distinções e diferenciações que designam as qualidades e características daquelas que não se enquadram no *tod[os]*” (POPKEWITZ, 2015, p. 90). Isso significa que, mesmo que os espaços escolares sejam pensados e tenham currículos que busquem integrar e incluir a todos, ainda assim há a abjeção de sujeitos que não conseguem, não podem e/ou não querem se enquadrar nessa unidade pré-estabelecida. Afinal, por mais que tal unidade se alargue, ela sempre é construída na relação com aquilo que não pertence a ela.

Cabe pontuar que essa prática não se resume a ela mesma e nem é pensada de forma isolada; diferentemente, ela é “um referente de uma teoria sobre em que fixar-se e pensar como objetos de reflexão; e [o] que

deveria ser”, fazendo parte da nossa ‘fabricação’ como como o professor ideal, cosmopolita (POPKEWITZ, 2015, p. 436). Pensando nisso, nos interessou investigar que sentidos vêm sendo construídos e fixados acerca do corpo humano no ensino de Ciências e Biologia a partir das produções acadêmicas apresentadas no último Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Para realizar essa tarefa, o levantamento foi feito a partir da busca do descritor ‘corpo’ no título dos trabalhos publicados nos anais do evento⁴, por meio do qual obtivemos um total de seis trabalhos. Ainda que seja possível haver outros textos que discutem elementos tangentes à essa temática, optamos por analisar aqueles que se autodeclararam explicitamente interessados em focar no ‘corpo’. Para a análise dos textos, observamos os seus objetivos e referenciais teóricos, assim com e como o ‘corpo’ – assim como questões relacionadas a ele – aparece sendo pensado nos mesmos.

Dos seis trabalhos encontrados, quatro foram submetidos e apresentados no evento como relatos de experiência docente (SOUZA & DUTRA, 2018; PUREZA, BARBOSA & SILVA Jr., 2018; LIMA *et al.*, 2018; SILVEIRA, 2018) e dois como relatos de pesquisa (QUEIROZ TAVARES, 2018; MOREIRA & AMARAL, 2018). Dentre os relatos de experiência docente, dois consistem em vivências de graduandos ao longo da formação inicial, ambas realizadas com estudantes do ensino médio: um deles trata de um projeto realizado durante as atividades de estágio supervisionado, com o objetivo de revisar conteúdos de Fisiologia Humana (SOUZA & DUTRA, 2018); o outro se refere a uma atividade de extensão, que abordou a educação sexual a partir de um jogo sobre reprodução e infecções sexualmente transmissíveis (LIMA *et al.*, 2018). O terceiro relato de experiência docente discorre sobre a experiência de um professor de Biologia ao tentar uma maneira diferente de ensinar os conteúdos de Fisiologia Humana, partindo da noção de ficção, para estudantes do ensino médio integrado de um Instituto Federal (SILVEIRA, 2018). Por fim, o último relato de experiência docente não explicita se foi realizado por estudantes de graduação e/ou professores da educação básica ou do ensino superior; no entanto, o texto aponta a realização de uma atividade prática envolvendo o Índice de Massa Corporal (IMC) com estudantes de uma escola durante uma Feira de Ciências (PUREZA, BARBOSA & SILVA Jr., 2018). Partindo do exposto, podemos observar que dois trabalhos estão integrados ao cotidiano das aulas de Biologia, enquanto os outros dois estão inseridos em contextos externos à sala de aula. Em Souza & Dutra (2018) e

4 Ver em: <https://sbenbio.org.br/anais/anais-vii-encontro-nacional-de-ensino-de-biologia-enebio/>

Pureza, Barbosa & Silva Jr. (2018), temos um foco unicamente nos aspectos biológicos e da saúde, enquanto os outros dois (LIMA *et al.*, 2018; SILVEIRA, 2018) deixam explícito que têm interesse em pensar os corpos para além dessa 'caixa de ferramentas' corriqueira.

Quanto aos relatos de pesquisa, um fez parte da pesquisa de mestrado da primeira autora e consistiu em uma análise do envolvimento de estudantes do 8º ano do ensino fundamental com uma sequência didática que "propõe maneiras de utilizar imagens para trabalhar o corpo humano e o seu desenvolvimento não só na perspectiva biológica, mas também aspectos sociais por meio de atividades em grupo" (QUEIROZ & TAVARES, 2018, p. 1778). Já o outro (MOREIRA & AMARAL, 2018) resultou da pesquisa de monografia da primeira autora e trazia a análise das impressões de licenciandas(os) em Ciências Biológicas antes, durante e depois de uma atividade para pensar o que deve ser ensinado sobre o corpo humano nas disciplinas escolares Ciências e Biologia. Em ambos os trabalhos, podemos perceber que há uma preocupação em fugir do ensino focado apenas nos aspectos anatomo-fisiológicos do corpo humano, buscando pensar em extensões dos corpos como gênero, sexualidade, raça e classe, que são mais explicitamente percebidas como sujeitas às disputas de sentidos quando comparadas aos aspectos anatomo-fisiológicos. Isso significa que gênero, sexualidade, raça e classe são elementos que devem ser considerados importantes na constituição das significações, bem como dos domínios e das regulações dos nossos corpos (WEEKS, 2001).

Tomando essas produções como referência, percebemos o quanto o discurso biológico e da saúde regula o modo como abordamos o 'corpo humano' no ensino e na formação de professores em Ciências e Biologia, ainda que deslocamentos e 'escapes' venham sendo produzidos. Para que tais deslocamentos e 'escapes' se ampliem, precisamos buscar as potencialidades de pensar para além de uma lógica binária que polariza entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas, buscando por brechas possíveis. Silveira (2018), por exemplo, exemplifica um modo potente de buscar promover o ensino sobre os corpos fugindo dos extremos padrões de pensamento acerca da temática. Ao propor que suas(eus) alunas(os) pensem sobre que posição seus próprios corpos ocupam em suas vidas – se o espaço do ser ou do ter um corpo – e construam corpos fictícios que tenham alguma correlação com os corpos humanos reais, o professor se arrisca em um campo nebuloso cujos resultados são imprevisíveis e, simultaneamente, potentes, desconcertantes e quem sabe até transgressores, uma vez que nos abrem outros caminhos 'em meio às névoas' e que não nos permitíamos

'transpassar'⁵. É nessa direção que buscamos pensar no que Guacira Louro (2001 e 2016) nos apresenta como tentativas potentes de *queerizar* os currículos, propondo pedagogias da diferença.

Considerações provisórias

Ainda que em pequeno número, os seis textos aqui analisados constituem um bom exemplo de como vimos ensinando sobre o 'corpo humano' na escola e na formação de professores. Tal ensino muitas vezes opera em uma lógica reflexiva que não questiona o 'sistema de pensamento' que nos constrói como sujeitos (POPKEWITZ, 2001 e 2014) em uma sociedade que silencia e hierarquiza os nossos corpos. Como já explicitado, assumimos que a compreensão desse 'sistema de pensamento' nos possibilita 'transpassar' as névoas, enxergando as brechas que, ao produzirem deslocamentos e subversões, possibilitam pensar o 'corpo humano' nos currículos de outros modos possíveis. É importante ressaltar que esses processos se dão na complexidade dos discursos que se estabelecem e se constituem como 'regimes de verdades' (FOUCAULT, 2003, 2014a e 2014b). Assim, enquanto estivermos tentando encaixar os corpos em determinadas fôrmas e espaços sem uma acurada reflexão sobre como este processo vem se constituindo historicamente, permanecemos operando em uma lógica binária que silencia o diferente e trata os sujeitos da educação como sem corpos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Ministério da Educação. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. FERREIRA, M. S. História do Currículo e das

5 O uso do verbo transpassar refere-se também ao durante, e não somente ao antes e depois das névoas, uma vez que o processo de trilhar os caminhos nublados é justamente o que nos permite pensar e descobrir outros tantos caminhos possíveis.

Disciplinas: apontamentos de pesquisa. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (org.). **Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões**. Curitiba: CRV, 2013, p. 75-88.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: LEITE, M. S.; GABRIEL, C. T. (org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. DePetrus/Faperj, 2015, p. 265-284.

FERREIRA, M. S.; MARSICO, J. Historicizar os currículos em tempos recentes: regulações e efeitos no ensino e na formação de professores em Ciências e Biologia. In: FERREIRA, M. S.; CHAVES, S. N.; AMORIM, A. C. R.; GASTAL, M. L. A.; BASTOS, S. N. D. (org.). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Livraria da Física, 2020, p. 165-179.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 2014b.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 273-295.

GIUMBELI, E. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, 28 (2), 2008.

HOOKS, b. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. Marcas do corpo, marcas de poder. In: _____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MATTOS, A. R.; MAGALDI, A. M. B. M.; COSTA, C. M.; SILVA, C. F. S.; PENNA, F. A.; VELLOSO, L.; LEONARDI, P.; ALBERTI, V. Educação e Liberdade: apontamentos para o bom combate ao Projeto de Lei do Escola sem Partido. FRIGOTTO, G. (org). **Escola "sem" partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: LPP/URJ, 2017.

MATTOS, A. R. Gênero, sexualidade e relações raciais: intersecções no chão da escola. In: FERRARI, A.; CASTRO, R. P. de (org.). **Diversidades Sexuais e de Gêneros**: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento. Campinas: Pontes Editores, 2017.

POPKEWITZ, T. S. **Lutando em defesa da alma**: a política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed, 2001.

POPKEWITZ, T. S. Social Epistemology, the Reason of "Reason" and the Curriculum Studies. **Education Policy Analysis Archives**, AAPE, v.22, n.22, p.1-23. 2014. POPKEWITZ, T. S. La práctica como teoría del cambio: investigación sobre profesores y su formación. **Profesorado**: Revista de Currículum y Formación de Profesorado, v. 19, n. 3, p. 428 - 453, 2015.

SOUZA, S. D. de. Entre o diverso e o controverso: direitos LGBT e atuação de deputados e deputadas federais das bancadas católica e evangélica. In: FERRARI, A.; CASTRO, R. P. de (org.). **Diversidades Sexuais e de Gêneros**: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.